

Cadernos de estágio

Carta aberta aos colegas licenciandos em Filosofia: reflexões sobre os Estágios Supervisionados

*Carlos Mikael Custódio da Silva*¹

Informações

1 mikaelcustodio2003@gmail.com

Como citar este texto

SILVA, Carlos Mikael Custódio da. Carta aberta aos colegas licenciandos em Filosofia: reflexões sobre os Estágios Supervisionados. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 1, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n1ID42463](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID42463)



Natal/RN, 19 de dezembro de 2025.

Prezado(a)s,

Esta carta dirige-se aos colegas que trilham o caminho da Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e tem como propósito apresentar algumas inquietações, bem como suscitar reflexões acerca do nosso processo de formação, especialmente no que se refere aos Estágios Supervisionados. Desse modo, não se trata apenas do relato de uma experiência individual, mas do desejo de refletir sobre o papel fundamental que os Estágios ocupam na nossa formação para sermos professores de Filosofia.

Nessa perspectiva, durante o curso, muitas vezes enxergamos os Estágios como um mero requisito curricular a ser cumprido ou como uma atividade pouco instigante. Contudo, vivenciando-o na prática, pude compreender que se trata de um momento decisivo de aproximação com a realidade escolar e, por vezes, com outros espaços educativos, como o museu em que estagiei, os quais evidenciam os múltiplos contextos nos quais podemos, como educadores, estar inseridos. Assim, os Estágios, em minha visão, nos colocam em contato com os sujeitos que compõem a comunidade educativa e com os desafios que envolvem o ato de ensinar, sendo esse o momento em que deixamos, pela primeira vez, a segurança teórica da universidade e nos colocamos diante dos desafios concretos que podem ser encontrados nos campos de Estágio.

Desse modo, cada Estágio Supervisionado possui uma dimensão formativa fundamental e insubstituível no processo de formação docente. O Estágio Supervisionado I configura-se como o primeiro contato sistemático com a escola, permitindo conhecer sua organização, compreender o funcionamento da instituição e, sobretudo, reconhecer quem são os sujeitos que compõem a comunidade escolar, entendendo suas dinâmicas, desafios e potencialidades. Já o Estágio Supervisionado II aprofunda essa inserção ao possibilitar uma participação mais ativa no cotidiano escolar, compreendendo a escola como espaço de trabalho docente e de produção de saberes, além de estimular a elaboração e realização de projetos de colaboração, reafirmando o Estágio como campo de pesquisa.

O Estágio Supervisionado III, por sua vez, concentra-se no planejamento didático-pedagógico e na produção de materiais para o ensino de Filosofia, articulando a observação das práticas de professores, a reflexão crítica e a preparação para a docência, fortalecendo a compreensão das práticas de ensino e das diferentes concepções que orientam o trabalho do educador. Por fim, o Estágio Supervisionado para

o Ensino Médio representa o momento de consolidação desse percurso formativo, no qual a Docência Supervisionada assume centralidade, possibilitando a vivência da regência em sala de aula.

Além disso, ao longo da formação, muitos de nós optamos pelas áreas mais célebres da Filosofia, tais como Metafísica, Ética, Política, Lógica, e deixamos em segundo plano os componentes curriculares de natureza pedagógica. Não quero aqui julgar o que seria mais ou menos importante na formação dos colegas, uma vez que cada pessoa se aproxima das áreas que mais dialogam com seus interesses. Contudo, é justamente aqui que entra a minha principal provocação: estamos nos formando para sermos professores, e isso exige que não percamos de vista a dimensão pedagógica da nossa prática. Não basta dominar conteúdos filosóficos se não refletirmos, com a mesma seriedade, sobre o que significa ensiná-los.

Nesse sentido, diria que dominar conceitos, autores e correntes filosóficas é apenas uma parte da formação e, muitas vezes, a mais confortável. O desafio concreto começa quando precisamos transformar esse conhecimento em algo vivo, compreensível e significativo para estudantes que, em muitos casos, terão seu primeiro ou até o último contato com a Filosofia justamente através de nós. Esse desafio exige diálogo, escuta e disposição para repensar constantemente nossas práticas. Nessa direção, em consonância com a argumentação de Paulo Freire (1996), ensinar não se reduz à transmissão de conteúdos, mas implica um exercício permanente de reflexão crítica sobre a prática, no qual educador e educandos se constroem mutuamente no processo educativo. Com isso, os Estágios Supervisionados não devem ser compreendidos como uma etapa meramente burocrática ou instrumental da formação, mas como um espaço privilegiado da práxis (ação-reflexão-ação), no qual teoria e prática se articulam de forma indissociável, permitindo que a docência se constitua como um ato comprometido com a realidade concreta da escola.

Nessa mesma direção, Pimenta e Lima (2006) nos ajudam a compreender que o Estágio pode assumir diferentes sentidos na formação docente e podendo ser entendido de diferentes maneiras ao longo da história. Quando reduzido à mera imitação de modelos ou à aplicação de técnicas previamente definidas, corre-se o risco de transformar o Estágio em um espaço de reprodução de práticas consolidadas ou em um treinamento técnico desvinculado da reflexão crítica. Em contraposição, as autoras defendem o Estágio como pesquisa, entendido como um espaço de investigação no qual observar, problematizar e refletir sobre as práticas educativas tornam-se dimensões centrais da formação.

Com base nisso, os Laboratórios de Filosofia configuram-se como instrumentos importantes dentro do nosso currículo, uma vez que possibilitam experimentações

didáticas, trocas de experiências e reflexões sobre como ensinar Filosofia. Contudo, eles ainda se mostram insuficientes para dar conta de toda a complexidade que envolve o ato de ensinar Filosofia ao longo da nossa formação inicial. Por isso, deixo aqui uma sugestão sincera: aproveitem ao máximo as experiências de Estágio, não apenas como uma exigência curricular, mas como uma oportunidade privilegiada de aprendizagem, escuta e reflexão sobre a prática. Além disso, sempre que possível, busquem criar ou explorar espaços alternativos para a prática pedagógica, como projetos interdisciplinares, atividades em museus, teatro, centros culturais, ações de extensão, rodas de conversa, oficinas ou outras iniciativas que dialoguem com a realidade concreta dos estudantes. Em minha perspectiva, o ensino de Filosofia pode, e talvez deva, ir muito além da sala de aula tradicional, ampliando os modos de encontro entre a Filosofia e a vida cotidiana, na medida em que permite que as questões filosóficas emergjam das experiências vividas, dos problemas concretos e das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo.

4

Diria que, ao longo dos quatro Estágios formativos, pude vivenciar dimensões distintas e complementares para minha formação docente. No Estágio Supervisionado I, a ênfase esteve na escuta e na observação da escola como espaço vivo, o que possibilitou compreender sua organização, suas relações e os sujeitos que a constituem (Silva, 2024). O Estágio Supervisionado II ampliou esse olhar ao deslocar a prática pedagógica para além da escola, evidenciando, a partir da experiência no Museu de Minérios do Rio Grande do Norte, que os processos de ensino e aprendizagem também se constroem em outros espaços formativos (Silva, Costa e Casado, 2025). Já o Estágio Supervisionado III aproximou-me mais diretamente do cotidiano da disciplina de Filosofia no Ensino Médio, permitindo acompanhar o trabalho docente, observar metodologias, estratégias e desafios concretos da prática em sala de aula.

O Estágio Supervisionado para o Ensino Médio configurou-se como uma experiência na qual tive a oportunidade de vivenciar a regência, assumindo de forma mais direta o planejamento das aulas que seriam ministradas, a definição dos objetivos pedagógicos e a escolha de estratégias didáticas. Uma das principais dificuldades enfrentadas nesse processo foi estabelecer conexões entre os conteúdos filosóficos clássicos, especialmente os pensamentos de Platão e Aristóteles, e a realidade concreta dos estudantes, de modo a tornar tais reflexões significativas no cotidiano dos estudantes. Além disso, o envolvimento com o processo avaliativo possibilitou compreender a avaliação não apenas como um instrumento de mensuração do desempenho, mas como parte constitutiva do processo de ensino-aprendizagem.

Essas vivências contribuíram para consolidar uma compreensão da docência como prática situada, dialógica e em permanente construção, o que se articula di-

retamente com perspectivas teóricas que problematizam o ensino de Filosofia e sua relação com a formação crítica dos sujeitos. As contribuições de Lebrun (1975) e Giannotti (1975) ajudam a iluminar esse percurso formativo. Lebrun (1975) alerta para o risco de uma Filosofia que se fecha em jargões e conceitos excessivamente sofisticados, afastando-se da vida concreta. Giannotti (1975), por sua vez, convida-nos a compreender o filosofar não como mera técnica ou profissão, mas como uma atitude política e existencial, comprometida com a formação de sujeitos livres. Essas perspectivas dialogam diretamente com as experiências vividas nos Estágios, ao reforçarem a necessidade de uma Filosofia que se faça presente na prática educativa.

Concluo reafirmando a importância dos Estágios na construção da nossa identidade como professores. Não se trata apenas de cumprir uma etapa obrigatória do curso, mas de vivenciar o espaço onde teoria e prática se encontram, de modo crítico e reflexivo. É durante os Estágios que nos aproximamos da realidade da sala de aula, dos desafios da educação pública, das múltiplas formas de ensinar e de aprender. É também nesse contexto que somos provocados a refletir sobre nossas escolhas pedagógicas, nossa postura ética e nosso compromisso com a formação crítica dos estudantes.

5 **Com estima,**

O autor

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 87. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

GIANNOTTI, J. A. Por que filósofo? In: **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. XXVII Reunião Anual, Belo Horizonte, julho de 1975. São Paulo: SBPC, 1975.

LEBRUN, G. Por que filósofo? In: **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. XXVII Reunião Anual, Belo Horizonte, julho de 1975. São Paulo: SBPC, 1975.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poíesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

SILVA, C. M. C. O Estágio Supervisionado na formação de professores durante a greve: uma análise a partir da observação participante de um licenciando do curso de Filosofia. **Cadernos de Estágio**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2024.

SILVA, C. M. C. ; COSTA, A. P. L. ; CASADO, M. S. O estágio supervisionado na formação de professores no museu: uma experiência de um licenciando do curso de filosofia. In: Observatório da Educação Pública. (Org.). **Educação socialmente transformadora**: uma prática possível na sociedade contemporânea?. 1 ed. Natal/RN: Caule de Papiro, 2025, v., p. 305-319.